

15/1/96
**COMUNICAÇÃO
SOCIAL**

M

1996

ELVIRA HOLANDA DE SENA

SATÉLITE: A TECNOLOGIA NAS ONDAS DO RÁDIO

Monografia a ser defendida para
graduação em Comunicação Social
pela Universidade Federal do Ceará

COMUNICAÇÃO

F-143

Reg.: 442/96

FORTALEZA - 1996

ELVIRA HOLANDA DE SENA

Dedico este trabalho a Liberato Sena e Maria Evania - Meus pais.

SATÉLITE: A TECNOLOGIA NAS ONDAS DO RÁDIO

Monografia a ser defendida para
graduação em Comunicação Social
pela Universidade Federal do Ceará

Dedico este trabalho a Liberato Sena e Maria Evanda - Meus pais.

Agradecimentos

A Marcel Fagundes, pelo incentivo e paciência.

ÍNDICE

CAPÍTULO I - O INÍCIO DO RÁDIO NO BRASIL

1.1 - O início do rádio no Brasil	10
1.2 - Os avanços tecnológicos: perspectivas sociais	14
1.3 - O Rádio nos anos 60: à procura de novos caminhos	19
1.4 - O Rádio no Ceará	22

CAPÍTULO II - EXPANSÃO E NOVAS TECNOLOGIAS

2.1 - Anos 80, O Rádio começa a buscar novos rumos	27
2.2 - O Rádio via satélite e a unificação das mensagens	31
2.3 - O Satélite chega à ondas do rádio cearense	37

Agradecimentos

CAPÍTULO III - O CBN, A RÁDIO QUE TOCA NOTÍCIA

A Manoel Façanha, pelo incentivo e paciência.

3.1 - O CBN, A rádio que toca notícia	37
---	----

CONCLUSÃO	48
-----------------	----

BIBLIOGRAFIA	50
--------------------	----

ÍNDICE

CAPÍTULO I: O INÍCIO DO RADIO NO BRASIL

1.1 - O início do rádio no Brasil	10
1.2 - Os avanços tecnológicos: perspectivas sociais	14
1.3 - O Rádio nos anos 60: à procura de novos caminhos	19
1.4 - O Rádio no Ceará	22

CAPÍTULO II : EXPANSÃO E NOVAS TECNOLOGIAS

2.1 - Anos 80: O Rádio começa a buscar novos rumos	27
2.2 - O Rádio via satélite e a unificação das mensagens	31
2.3 - O Satélite chega à ondas do rádio cearense	32

CAPÍTULO III: CBN, A RÁDIO QUE TOCA NOTÍCIA

3.1 - CBN, A rádio que toca notícia	37
---	----

CONCLUSÃO	48
-----------------	----

BIBLIOGRAFIA	50
--------------------	----

O rádio é um meio de comunicação característico pela sua maior instantaneidade em relação aos outros meios, como a televisão e o jornal. Nesses 74 anos de rádio no Brasil incorporaram-se ao veículo - criado em 1922 - novas tecnologias, recursos que têm como objetivo aumentar ainda mais a dinamicidade e o raio de alcance dos meios de comunicação.

O satélite, um destes artifícios tecnológicos, começou a ser utilizado no Brasil na década de 80. A FM Transamérica, do Rio de Janeiro, foi a pioneira na utilização do processo, que ligava emissoras de vários estados diferentes numa programação unificada. No Ceará, o sistema foi implantado inicialmente pelo sistema Onda da Comunicação. No ano de 1992, a FM 93.5 (antiga FM do Povo) passou a transmitir a programação da Rede Cidade FM, pertencente ao Jornal do Brasil, do Rio de Janeiro.

O sistema gerou muita expectativa no seu primeiro ano de **INTRODUÇÃO** recente em 92 três emissoras FM aderiram o novo processo. A reconquista do anunciante nacional, que havia se afastado do rádio com o surgimento da televisão - e a conseqüente lucratividade na parte comercial bem como a ideia de proporcionar uma programação unificada que ligasse pessoas diferentes em todo o país foram apontadas como sendo os principais pontos positivos que a satelitização poderia proporcionar.

No entanto, o processo tem também o seu lado negativo. E este aspecto começou a dar seus primeiros sinais um ano depois da implantação do novo sistema no Estado. O satélite, usado sem regras, sem espaço para a produção local, tira a realidade entre o ouvinte e a emissora, que passa a retransmitir uma programação completamente alheia à sua realidade. Eis um dos fatores para o insucesso do sistema. A expectativa antes tida como atendida pelo satélite, passou a ser um dos seus maiores obstáculos. Apesar de toda a força do efeito, a satelitização passou a perder espaço. Das 100 emissoras em FM que aderiram ao

O rádio é um meio de comunicação característico pela sua maior instantaneidade com relação aos outros meios, como a televisão e o jornal. Nesses 74 anos de rádio no Brasil incorporaram-se ao veículo - criado em 1922 - novas tecnologias, recursos que têm como objetivo aumentar ainda mais a dinamicidade e o raio de alcance dos meios de comunicação.

*chegou
ao Brasil*

O satélite, um destes artificios tecnológicos, começou a ser utilizado no rádio na década de 80. A FM Transamérica, do Rio de Janeiro, foi a pioneira na utilização do processo, que ligava emissoras de vários estados diferentes numa programação unificada. No Ceará, o sistema foi implantado inicialmente pelo sistema O Povo de Comunicação. No ano de 1992, a FM 95,5 (antiga FM do Povo) passou a retransmitir a programação da Rede Cidade FM, pertencente ao Jornal do Brasil, do Rio de Janeiro.

O sistema gerou muita expectativa no seu primeiro ano de funcionamento - somente em 92 três emissoras FM aderiram o novo processo - A reconquista do anunciante nacional, que havia se afastado do rádio com o surgimento da televisão - e a conseqüente lucratividade na parte comercial bem como a idéia de proporcionar uma programação unificada que ligasse pessoas diferentes em todo o País foram apontadas como sendo os principais pontos positivos que a satelitização poderia proporcionar.

No entanto, o processo tem também o seu lado negativo. E este aspecto começou a dar seus primeiros sinais um ano depois da implantação do novo sistema no Estado. O satélite, usado sem regras, sem espaço para a produção local, tira a proximidade entre o ouvinte e a emissora, que passa a retransmitir uma programação completamente alheia à sua realidade. Eis um dos fatores para o insucesso do sistema. A distância, antes tida como superada pelo satélite, passou a ser um dos seus maiores obstáculos. Apesar de toda a força do início, a satelitização passou a perder espaço. Das três emissoras em FM que aderiram

* satélite

"sat", somente uma permanece utilizando-o. Outro setor abalado com a satelitização das emissoras de rádio foi o mercado de trabalho local. O jornalismo, já tão pouco explorado nas rádios (principalmente Fms) diminuiu ainda mais o número de oportunidades para os profissionais da área.

Pode-se afirmar então que o sistema tem dois pólos com relação às suas conseqüências: Por um lado proporciona mais agilidade enquanto serve de ligação entre diferentes localidades e traz grande impulso no tocante ao lado comercial da emissora. Por outro, diminui o mercado de trabalho local e prejudica os ouvintes de uma afiliada, pois estes ficam à mercê de uma programação que pouco ou nada tem a ver com seu cotidiano, sua região, sua realidade. É acerca deste dois pólos que procuramos refletir. A agilidade e a rede de espaço local.

Informações do mundo inteiro e programação local comprometida.

Para entender melhor o uso das novas tecnologias no rádio, em especial o satélite, é necessário que façamos inicialmente uma retrospectiva de sua trajetória no Brasil e no Ceará. No primeiro capítulo tratamos de contar a história do rádio desde sua implantação, ocorrida em abril de 1922: Os tempos áureos (década de 40), a época de decadência pela qual o veículo passou com o surgimento da televisão nos anos 50, bem como a tentativa de buscar novos rumos, iniciada nos anos 70.

Foi a partir daí que o rádio passou a procurar mais agilidade e novos recursos. No início dos anos 80 muitas tecnologias foram se incorporando ao rádio, como o rádio a cabo, a digitalização, o estéreo. Abordamos estes recursos e seus emprego na radiodifusão no segundo capítulo.

O satélite, inicialmente utilizado pela televisão, também passou a ser tecnologia ligada às emissoras de rádio. Surgiram as redes nacionais de rádio no início dos anos 80 que pregavam a programação unificada e conquistaram espaço pelo sul do País, difundindo-se por todo o Brasil na década de 90. Para refletir quanto à satelitização das rádios no Ceará, confrontando vantagens e desvantagens,

tomamos como exemplo a Central Brasileira de Notícias ~~9CBNO~~ retransmitida no Estado pela antiga Rádio Iracema. No terceiro capítulo apresentamos a programação da emissora, que atualmente é cem por cento via satélite e analisamos um de seus programas para melhor tratar deste confronto entre a rede nacional e a questão do ouvinte e do mercado de trabalho locais. O programa que tomamos como base foi o jornal "NOTÍCIAS NA TARDE", exibido diariamente das 14 às 17 horas.

Além da pesquisa bibliográfica para a composição do trabalho foram realizadas entrevistas com professores da área de Comunicação Social, bem como com profissionais ligados ao rádio, que opinaram sobre a satelitização das emissoras e as conseqüências que o sistema trouxe para o rádio.

1.1 O Início do Rádio no Brasil

A década de 20 foi cheia de acontecimentos que marcaram o Brasil. A semana de Arte Moderna, a criação do Partido Comunista Brasileiro e o Centenário de Independência foram os eventos que permearam a época e mudaram o pensamento de uma geração. Foi sob esta atmosfera que o rádio deu os seus primeiros passos no Brasil.

O ano era 1922. Entre as comemorações dos setenta e dois anos de um Brasil "independente" estava a primeira experiência de radiodifusão.

Oficialmente, o rádio é inaugurado a sete de setembro de 1922, como parte das comemorações do centenario de Independência, quando através de 80 receptores importados para a ocasião alguns componentes da sociedade carioca puderam ouvir em casa o discurso do presidente Epitácio Pessoa. A Westinghouse havia instalado uma antena, cujo transmissor de 500 watts estava instalado no alto do Corcovado. Durante alguns dias, após a inauguração foram transmitidas óperas diretamente do Teatro municipal do Rio de Janeiro. A demonstração pública causou impacto, mas as transmissões foram logo encerradas por falta de um projeto que lhes desse continuidade.

(ORTIGUANO, 1985, 13)

1.1 - O Início do Rádio no Brasil

A década de 20 foi cheia de acontecimentos que marcaram o Brasil. A semana de Arte Moderna, a criação do Partido Comunista Brasileiro e o Centenário da Independência foram os eventos que permearam a época e mudaram o pensamento de uma geração. Foi sob esta atmosfera que o rádio deu os seus primeiros passos no Brasil.

O ano era 1922. Entre as comemorações dos cem anos de um Brasil “independente” estava a primeira experiência da radiodifusão.

“Oficialmente, o rádio é inaugurado a sete de setembro de 1922, como parte das comemorações do centenário da Independência, quando através de 80, receptores importados para a ocasião, alguns componentes da sociedade carioca puderam ouvir em casa o discurso do presidente Epitácio Pessoa. A Westinghouse havia instalado uma emissora, cujo transmissor de 500 watts estava instalado no alto do Corcovado. Durante alguns dias, após a inauguração foram transmitidas óperas diretamente do Teatro municipal do Rio de Janeiro. A demonstração pública causou impacto, mas as transmissões foram logo encerradas por falta de um projeto que lhes desse continuidade”.

(ORTRIWANO, 1985; 13)

Um ano depois da primeira experiência, Roquette Pinto e Henry Morize fundaram a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro. No dia 20 de abril de 1923 a emissora entrou no ar levando uma programação formada basicamente por óperas, recitais de poesias e palestras culturais. Seu objetivo, segundo os idealizadores, era o de educar. No entanto, essa nova tecnologia que despontava no País servia a uma minoria privilegiada que podia adquirir os caros aparelhos de reprodução e colaborava com recursos financeiros para manter o rádio. Pode-se dizer, então que o rádio inicialmente, apesar de ter nascido sob a égide do compromisso com a educação, era um instrumento da elite. De quem podia pagar e desfrutar da novidade, que para a maioria da população, permanecia desconhecida.

Na década seguinte, os “reclames” passaram a fazer parte da programação das emissoras. Como uma forma de manter-se, as rádios passaram a adotar os comerciais e, conseqüentemente, tornaram-se mais próximas das massas. Era o erudito que se transformava em populista ou popularesco.

Foi ainda nos anos 30 que o rádio passou papel de importância na esfera política nacional. O então presidente da República, Getúlio Vargas, foi um dos primeiros a perceber a importância e o poder de influência que o rádio tinha sobre o povo. Passou a adotá-lo de uma forma autoritária fazendo do rádio verdadeiro porta-voz de suas idéias e meio de dominação.

“... Getúlio Vargas foi o primeiro governante brasileiro a ver no rádio grande importância política (...). Logo após a Revolução de 30, havia sido criado o Departamento Oficial de Propaganda (DOP) encarregado de uma seção de rádio que antecedeu a “HORA DO BRASIL”. Em 1934, o DOP foi transformado em Departamento de Propaganda e Difusão Cultural, surgindo então “A VOZ DO BRASIL”. Posteriormente, o Decreto nº 1915 de 27 de dezembro de 1939, criava o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), diretamente ligado à

Presidência da República e que substituiu o Departamento de Propaganda e Difusão Cultural tendo ao seu encargo a fiscalização e censura não só do conteúdo das programações radiofônicas, como as do Cinema, Teatro e Jornais. "A VOZ DO BRASIL" passou a ser responsabilidade da Agência Nacional, atual Empresa Brasileira de Notícias".

(ORTRIWANO, 1985; 18)

Getúlio tinha como característica maior em seu governo o populismo: Os meios de comunicação - principalmente o rádio - foram aliados importantes nesta meta de conquistar o povo. Por outro lado, enquanto buscava "popularizar-se", o Governo cuidava de manter órgãos federais que, em suma, tinham a missão de controlar tudo que era divulgado pelos meios de comunicação.

O programa "A VOZ DO BRASIL" fazia as vezes de programa do Governo e, divulgava - como ainda hoje - os acontecimentos da Capital Federal, além de ter o papel de fortalecer ainda mais as formas do populismo.

A maior lenda do rádio brasileiro surgiu nos anos 30: A Rádio Nacional do Rio de Janeiro. Fundada a 12 de setembro de 1936, a emissora popularizou-se rapidamente e trouxe grande contribuição para o desenvolvimento do rádio. Foi ela a responsável pela criação do "REPÓRTER ESSO", que foi personalizado na voz do locutor HERON DOMINGUES, um dos mais célebres programas jornalísticos do rádio.

A chamada "Era de Ouro" do rádio foi a década seguinte. A segmentação das emissoras, a concorrência entre as mesmas e a criação de órgãos de pesquisa, como o IBOPE foram alguns episódios que marcaram os anos 40. Foi também nesta época que a radionovela - mais tarde transformada em verdadeira "febre nacional"- teve início. A ABR (Associação Brasileira de Rádio) foi outro marco dos anos 40. Esta foi criada em 1944.

“Essa organização (...) colaborou para o estabelecimento do Código Brasileiro de Radiodifusão cujo anteprojeto foi entregue em fevereiro de 1946 ao então presidente da República, general Eurico Dutra”

(MOREIRA, 1985;34)

Todo o brilho e glamour que marcaram o rádio na década de 40 foram ofuscados nos anos que seguiram com o surgimento da televisão. O novo meio que, a princípio, copiou o modelo de programação radiofônico, começou a tomar o público do rádio. A publicidade também, foi, gradativamente, tomada pela televisão, pois com a televisão o comercial tinha a possibilidade de enriquecer suas mensagens com a imagem. Isso afastou o anunciante do rádio. O processo de mudança do público para a TV durou toda a década de 50 e foi de forma paulatina, visto que a televisão inicialmente era privilégio de poucas pessoas, como o rádio nos seus primeiros anos de funcionamento.

Até a chamada “Era de Ouro” o rádio (enquanto tecnologia) serviu aos interesses intelectuais e elitistas, foi um importante instrumento ideológico e difusor do nacionalismo Varquista no Estado Novo, propagou o consumismo nos anos 40 e pouco se comprometeu em servir a causas sociais.

Nos anos 50 a tecnologia radiofônica perde seu brilho para a televisão, outro instrumento básico que veio aperfeiçoar o campo da hegemonia da classe dominante no Brasil. As novas tecnologias daquela época surgiram, prometeram e poderiam ter ocupado funções sociais coletivas e culturais fundamentais, mas seu uso nos leva a pensar desde seus origens e utilizações quais as perspectivas das instrumentais tecnologias nas sociedades contemporâneas.

Os meios de comunicação, como todo campo de atividade humana, vêm se desenvolvendo a cada dia. É um processo de aperfeiçoamento que busca aprimorar e ampliar uma das necessidades básicas do ser humano, que é comunicar-se. As novas tecnologias têm o papel de propiciar a agilidade que estes meios anseiam.

Unindo tecnologia e comunicação, os meios conquistam ainda mais espaço e procuram estar presentes em todos os setores da sociedade. A comunicação é fortalecer as cadeias políticas e econômicas do País.

Destacando: "Com o desenvolvimento dos meios eletrônicos, a Indústria da consciência converteu-se em verdadeiro marca-passos do desenvolvimento sócio-econômico da Sociedade pós-industrial. Infiltra-se em todos os demais setores de produção, assume cada vez mais funções de comando e de controle e determina a norma das tecnologias dominantes".

(ENZENSBERGER, 1978; 43)

1.2 - Os avanços tecnológicos: perspectivas sociais

Nos anos 70, os meios de comunicação experimentaram grande progresso tecnológico. Na década de 70 a radiodifusão foi acrescida de tecnologias como o satélite, para a televisão e frequência modulada, no rádio. A partir daí novos rumos foram traçados com o objetivo de viabilizar um raio de maior alcance desses meios e, conseqüentemente mais ouvintes.

"A partir dos meados de 70 começa a transformação para que o rádio conseguisse sair definitivamente do marasmo em que caiu a partir dos anos 50 (...) No final do decênio de 70, algumas emissoras de São

Paulo sentiram a necessidade de se unir para poderem agir no sentido de expandir o meio (...) Uma outra inovação nascida nos anos 70 foram as agências de produção radiofônica, que tinham programas com artistas famosos e assuntos de emissora de menor porte, que não têm condições de realizar produções deste tipo”.

(ORTRIWANO, 1985; 25)

Deste época em diante, a tecnologia passou a integrar com mais ênfase o quadro da realidade dos meios de comunicação, o homem passou a criar e aperfeiçoar mecanismos que o auxiliassem a vencer as distâncias que proporcionassem mais dinamismo nos meios.

“A crescente complexidade da tecnologia da comunicação, buscando atingir metas cada vez mais ambiciosas permite afirmar que a imaginação é o único limite para o desenvolvimento do potencial dos meios. Ainda mais imaginação, entretanto, é necessária para utilizá-los de modo adequado às condições reais do homem, evitando assim perigos de “determinismo tecnológico” que consiste em fabricar aparelhos sem ter claras as suas finalidades e conseqüências”

(BORDENAVE, 1986; 74,75)

Quando falamos em finalidades e conseqüências estamos nos referindo que o anseio por mais desenvolvimento e mais tecnologia, deve ser norteado por parâmetros de controle, ou seja, a busca do aperfeiçoamento tecnológico precisa ser realizada de forma racional para que as mudanças advindas de novas tecnologias não acarretam pontos restritos, a maioria instrumentais, deixando de lado o acesso da sociedade do conhecimento, utilização e participação nesse processo. Para um aproveitamento rico, vantajoso e positivo das novas tecnologias, é necessário acima de

tudo uma ética questionando o significado da relação que a sociedade estabelece no cotidiano com esses instrumentais. Ética, no sentido de que o ouvinte (ou leitor, telespectador) tem de ser respeitado, seu ponto de vista e seus anseios que devem ser levados em consideração na elaboração dos processos comunicativos. O determinismo tecnológico de que fala Bordenave é justamente o crescimento dos meios sem a preocupação com que está ouvindo, lendo ou assistindo.

“Não basta o progresso das telecomunicações, o emprego de métodos ultra-sofisticados de armazenagem e reprodução de conhecimento. É preciso repensar cada setor, cada moda idade, mas analisando e potencializando a comunicação como um processo total (...) - Impossível analisar, avançar, aproveitar as tecnologias sem levar em conta sua ética, sua operacionalidade, o benefício para todas as pessoas em todos os setores profissionais. E também o benefício na própria vida doméstica e no lazer”.

(FADUL, 1986; 5)

Toda cautela e racionalidade no uso das tecnologias deve ter a finalidade de analisar benefícios e prejuízos que estes instrumentos técnicos acarretam aos processos de comunicação e interação humana. É preciso historicizar e contextualizar a discussão sobre os meios de comunicação .

“... pois elas dependem não só dos avanços da eletrônica e da informática, mas também das demandas do mercado, do poder aquisitivo das diversas camadas sociais, dos interesses dos governos e de outros fatores”.

(BORDENAVE, 1991; 63)

Em se falando em meios de comunicação, a tecnologia tem objetivos a cada dia mais ambiciosos. Bordenave enumera estes objetivos que se resumem em aumentar o raio de atuação dos meios. São sete tópicos que mostram que a busca de agilidade, incremento e armazenamento maior de informações constituem a mola mestra a procura de mais vantagens e recursos tecnológicos nesta área.

- 1 - Multiplicar o número de pessoas que podem ser atingidas pela mensagem (...)
- 2 - Aumentar o número de mensagens diferentes que podem ser distribuídas de uma só vez (...)
- 3 - Aumentar a velocidade na difusão de mensagens (...)
- 4 - Incrementar a fidelidade da transmissão
- 5 - Tornar possível a recepção das mensagens através de vários órgãos sensoriais (...)
- 6 - Permitir a realimentação e o diálogo
- 7 - Possibilitar a retenção de mensagens para sua distribuição oportuna”.

No rádio, estes aspectos podem ser percebidos durante a programação. Principalmente no rádio via satélite, nosso objeto de estudo, onde aumenta consideravelmente o número de ouvintes, visto que tem um raio de alcance maior que as rádios locais. O número de mensagens veiculados também aumenta, bem como, a velocidade com a qual ela chega ao receptor.

No entanto, o diálogo com o telespectador - no caso do satélite - diminui. O público local, para quem é apresentada uma programação fora de sua realidade, não tem contato com a emissora. Neste caso, a participação, mesmo que popularesca, nos programas locais é evidenciada na sua aparência.

Num país como o Brasil, onde a desigualdade social é gritante, bem como, a desinformação do povo de uma maneira geral não se pode negar que o incremento tecnológico dos meios de comunicação é mais uma peça deste contraste: De um lado, o desenvolvimento acelerado, "high-tec" em áreas como a indústria e as comunicações. Do outro, uma população semi-analfabeta, sem condições dignas de saúde, educação e segurança.

"Nas duas últimas décadas os avanços e conquistas no setor de telecomunicações e informática, colocaram o Brasil entre os países que possuem sistema de comunicação computacional que, em muito podem ser equiparados aos países de Primeiro Mundo. Essas mudanças não aconteceram, entretanto sem confrontos e sem conflitos (...) A modernização do País foi feita, apesar da situação de quase absoluta miséria de grande parte da população brasileira"

(FADUL, 1986; 150)

Abordando este ponto não estamos afirmando que o aperfeiçoamento tecnológico dos meios de comunicação - ou de qualquer outra atividade - é errôneo. Ao contrário, tocando neste assunto, queremos ressaltar que as condições sociais, as dificuldades da população não devem ser esquecidas. E o "determinismo tecnológico" de que fala Bordenave não pode ser enfatizado.

Por outro lado, é certo que o Brasil vive em dificuldade, mas buscar melhorias e desenvolvimento tecnológico não pode significar uma forma de insensibilidade com os problemas sociais, culturais e econômicos das classes populares.

1.3 - O Rádio nos anos 60: à procura de novos caminhos

Com a necessidade de reconquistar o público e o anunciante, as emissoras passaram a buscar novos rumos. Nos anos 60 e 70 o rádio passou à procura de um novo espaço, uma nova função social. O Repórter Esso, as radionovelas, todos os programas que faziam sucesso nas ondas do rádio foram levados para a televisão nos anos 50, bem como, os recursos publicitários. Daí a necessidade de reconquistar o espaço perdido para a TV, o “rádio com imagem”.

No início, o “vitrolão” tomou conta da radiodifusão (a censura da época também deu sua contribuição para que isso acontecesse). Com a perda para a TV dos trunfos que tinha, o rádio passou a investir na proximidade com o público. A prestação de serviços, os programas jornalísticos e a busca de produções menos caras, bem como, a maior especialização das emissoras em determinados assuntos fizeram o perfil do rádio que pretendia reconquistar seu espaço.

Esse trabalho seguiu nos anos 60 quando a proximidade com o público passou a ser reforçada. Os comunicadores, a partir de então procuraram uma maior identidade com o ouvinte, tornando-se verdadeiros ídolos. A participação do público nos programas teve mais espaço e surgiu também a reportagem de rua. O rádio passou a assumir o papel de companheiro. A dinamicidade do tempo na modernidade precisava ser acompanhada. O rádio procurou ocupar este papel de “A notícia em primeira mão”.

No final da década de 60, o rádio, como todos os meios de comunicação, enfrentou um sério inimigo: a censura. Com a ditadura militar, a “liberdade vigiada” que já se fazia presente na época de Getúlio Vargas, acentuou-se. O ano de 1964 e os seguintes foram marcados pelo cerceamento do trabalho jornalístico em todos os meios de comunicação, inclusive no rádio.

Toda essa atmosfera influenciou a produção do rádio, que passou a dar ainda menos espaço para o jornalismo e investiu mais em utilidade pública e na participação do ouvinte em programas de variedades. Ainda nos anos 70, foi fundada a Radiobrás, mais uma forma de cercear e manipular o trabalho radiofônico.

“Pela lei que a instituiu, a Radiobrás tem como finalidades básicas: organizar emissoras, operá-las, explorar os serviços de radiodifusão do Governo Federal; montar e operar sua própria rede de retransmissão, explorando os respectivos serviços, realizar a difusão de programação educativa, produzida pelo órgão federal próprio, bem como, produzir e difundir programação informativa e de recreação; promover e estimular a formação e o treinamento de pessoal especializado necessário às atividades de radiodifusão e prestar serviços especializados no campo de radiodifusão”.

(ORTRIWANO, 1985; 24)

O rádio enfrentou pela primeira vez a censura quando do primeiro governo de Vargas. Durante toda a década de 30 e parte dos anos 40 as emissoras de rádio eram submetidas à intervenção direta do Estado. Em fevereiro de 1967, o Governo Militar instituiu o Decreto Lei 236, que limitava ainda mais as atividades das rádios.

“A nova redação do artigo 53, por exemplo determinava que constitui abuso no exercício de liberdade da radiodifusão, o emprego desses meios de comunicação para a prática de crime ou contravenção previstos na legislação em vigor no País, inclusive:

- a - incitar a desobediência às leis ou decisões judiciárias
- b - divulgar segredos de Estado ou assuntos que prejudiquem a defesa nacional
- c - ultrajar a honra nacional

- d - fazer propaganda de guerra ou de processos de subversão de ordem política e social
- e - promover campanha discriminatória de classe, cor raça ou religião
- f - insuflar a rebeldia ou indisciplina nas Forças Armadas ou nas organizações de segurança pública
- g - comprometer as relações internacionais do País
- h - ofender a moral familiar pública ou os bons costumes
- i - caluniar, injuriar ou difamar os Poderes Legislativo, executivo ou os respectivos membros
- j - veicular notícias falsas, com perigo para a ordem pública, econômica e social
- l - colaborar na prática de rebeldia, desordens ou manifestações proibidas”.

(MOREIRA, 1995; 10)

A nova redação deste decreto traz a determinações como a obrigatoriedade de que, todos os programa deveriam ser gravadas e mantidos em arquivos durante 24 horas, as programações de televisões deveriam ter apenas o som de seus programas transmitidos gravados e mais artigos que serviam como verdadeira camisa de força imposta pelo governo militar aos meios eletrônicos. A gota d'água foi a criação do DENTEL - Departamento Nacional de Telecomunicações - que funcionou nas décadas seguintes como órgão fiscalizador do governo para a programação do rádio e da televisão.

A partir da década de 80, o rádio passou a ser visto novamente não somente como o emissor de idéias de determinados grupos - como acontecia quando a maioria das emissoras tinham horários arrendados ou quando eram detidas pela censura, por exemplo - mas como meio de informação que tem a característica de maior agilidade que os demais.

A credibilidade do ouvinte passou a ter mais importância para as emissoras do que o anunciante e a concorrência entre as empresas de informações fica mais acirrada levando o rádio a desprender-se dos “arrendadores” e tendo no público seu maior objetivo.

As rádios FM surgiram na década de 60 e se desenvolveram nos anos 70. A primeira emissora a explorar o serviço foi a Rádio Imprensa do Rio de Janeiro. Depois dela, várias outras passaram a ocupar este tipo de frequência. No início, seu público era classe média alta, pois o preço dos aparelhos de retransmissão era muito alto e apenas um seleto número de pessoas tinham acesso a estes aparelhos. Este quadro foi modificado com o passar do tempo e o FM não é mais privilégio de poucos. Entretanto, mais uma vez o acesso às tecnologias começa pelas classes privilegiadas e quando vivemos a maior difusão dessas tecnologias devemos questionar a qualidade da sua utilização pelas classes populares.

1.4 - O Rádio no Ceará

Na década de 30, dez anos depois de surgimento do rádio no Brasil, o meio chegou ao Estado do Ceará. No dia 28 de agosto de 1931 foi fundado o Ceará Rádio Clube. A PRE - 9 (como a emissora ficou conhecida) foi a pioneira no serviço de radiodifusão no Estado, ou Radiotelefonía, como era conhecido o sistema aquela época.

“A sociedade que formava o corpo do novo meio de comunicação era composta por João Dummar, Francisco Aprígio Riquette, Clóvis Fontenele, Joaquim da Silveira Marinho, Eusébio Nery Alves de Souza, Francisco Campelo de Alencar Matos, Diogo Vital de Siqueira, Álvaro de Azevedo e Sá, Sebastião Coelho Filho, César Hebster Dias e Jorge Otoch”.

(CAMPOS, 1984; 7)

Os primeiros passos do rádio do Ceará seguiram o mesmo processo que aconteceu no âmbito nacional. Primeiro, as emissoras dedicavam-se a programas como concertos, óperas e eram formadas através de clubes e sociedades. Outra semelhança com o que ocorreu nacionalmente é que somente a elite tinha acesso ao meio no início, visto que, os receptores eram caros. Com a comercialização das emissoras e sua conseqüente popularização foi que as massas passaram a usufruir do meio.

A concorrente da PRE - 9 surgiu em 1948. A Rádio Iracema de Fortaleza também nasceu de uma sociedade de amadores. Com o tempo, outras emissoras foram sendo criadas: Dragão do Mar e Uirapuru foram as seguintes a surgirem no Estado.

O sucesso das emissoras decaiu com a chegada da televisão no Ceará, ocorrida no final da década de 60. Como havia acontecido na década de 50 a nível nacional, a TV tomou o telespectador para si, passando a ser a "menina dos olhos" do público.

Tentando recuperar espaço tomado com o advento da televisão, o rádio passou a buscar maneiras de aproximar-se do público. Surgiram os programas de prestação de serviços e as emissoras passaram a tentar buscar uma identidade maior com o povo, passando a assumir um papel meio que "porta-voz da população na reivindicação de serviços.

Em suma, o processo que ocorreu com o rádio em termos de Brasil repetiu-se no Ceará, com dez anos de atraso.

A tecnologia que o rádio passou a buscar também foi fruto, a princípio, desta maior proximidade com o público, do resgate da audiência tombado pela televisão. O transistor foi o primeiro passo para a mudança. As obsoletas válvulas utilizadas nos aparelhos de recepção foram trocadas pelos minúsculos dispositivos que proporcionavam que o aparelho fosse levado para qualquer lugar.

As rádios de Frequência Modulada chegaram ao Ceará na década de 80. A primeira emissora a utilizar esta faixa foi a FM 93, pertencente ao Sistema Verdes Mares de Comunicação. A rádio inicialmente tinha programação voltada para as classes consideradas A e B. Música Popular Brasileira e sucessos românticos, bem como, clássicos internacionais faziam o quadro da emissora. Como pode ser notado, a tecnologia no rádio primeiro esteve a serviço da alta cultura, depois passou a buscar o popularesco.

Com o passar do tempo, a programação da FM 93 foi alterada. A emissora, atualmente é tida como popularesca. Forró, samba, músicas sertanejas são o estilo da rádio nos dias atuais.

Depois da FM 93 vieram a 99 FM, FM do Povo e a Cidade 99.1. todas, a princípio tinham como alvo o mercado jovem e tocava sucessos como rock e outros estilos que alcançava esta faixa etária. Em termos de produção jornalística, no entanto, as emissoras não tiveram contribuição significativa. A 99 FM, que passou uma fase como rádio popularesca, a exemplo da FM 93, hoje é integrante da Igreja Universal do Reino de Deus e retransmite apenas programas relacionados com aquela facção religiosa. Atualmente existem 23 emissoras em Fortaleza, sendo 14 Fms e 9 Ams.

EMISSORAS AM: CBN, Ceará Rádio Clube, AM do Povo/Bandsat, Metropolitana, Cidade/Pamsat, Verdes Mares, Record, Dragão do Mar, Assunção/RCN.

EMISSORAS FM: Jangadeiro, Capital, 92, 93, Cidade 95.5, Cidade 99.1, Record, Rádio 100, Casablanca, FM Tempo, Atlântico Sul, Calypso, Universitária e Jovem Pam.

Com a relação das emissoras que atuam no Estado e têm sede em Fortaleza, podemos ver que o investimento em rádios FM foi bem maior do que a AM nesses 65 anos de rádio no Estado. As emissoras de Frequência Modulada tomaram grande parte dos ouvintes com o passar do tempo e levaram para si o anunciante. Vale

ressaltar que a produção jornalística nessas emissoras - ou na maioria delas - é a menor possível. Pequenos flasches com notícias, muitas vezes, copiadas das páginas de jornais fazem a área destinada ao "jornalismo" nestas rádios.

Já as emissoras de amplitude modulada, durante muito tempo tiveram uma programação completamente sem qualidade. Outras passaram a arrender horários. Os programas de variedades tomaram conta das programações.

Apesar disso, existe atualmente uma esfera de tentativa de resgate do papel do rádio enquanto meio informativo e formados de opinião. A rádio AM do Povo e a Universitária FM, por exemplo podem ser citadas como exceção do quadro de marasmo em que caíram estas emissoras em termos de jornalismo. A AM do Povo, que também conta em sua programação com programas de variedades, deu mais espaço para o jornalismo. E a Universitária tem em seus quadros dois jornais diários exibidos ao meio-dia e às 18 horas com resumo dos principais acontecimentos do dia.

CAPÍTULO I Nas seis primeiras décadas de funcionamento, o rádio passou por muitas fases. Primeiro serviu com instrumento de uma elite privilegiada que podia comprar os aparelhos de retransmissão e até manter as emissoras. Depois devido aos interesses comerciais, começou a tornar-se popularesco, levando a tecnologia a serviço da pobreza.

Com a chegada da televisão, nos anos 50, perdeu muito em termos de público e anunciantes, as décadas seguintes foram formadas pela tentativa de recuperar este espaço. As novas tecnologias, a procura por mais produções jornalísticas na AM e a formação das redes de rádio nos anos, 80 surgiram como parte dessa tentativa de recuperação.

A digitalização de sons e sons de rádio consiste em transformar o sinal em bits...

Por conta da nova tecnologia foi desenvolvido um novo tipo de rádio...

(MAGNONI, 1983, p. 8)

Para enviar outras informações que de natureza analógica não podem ser transmitidas...

CAPÍTULO II: EXPANSÃO E NOVAS TECNOLOGIAS

Com a digitalização, dentro do espaço de um aparelho que...

Novas tecnologias, o digital, o compact disc e o sistema centralizado a ser utilizados no rádio a partir de 1980...

2.1 Anos 80 - O rádio começa a buscar novos rumos

Novas tecnologias, o digital, o compact disc e o telefone celular começaram a ser utilizados no rádio a partir dos anos 80, como uma forma de procurar mais agilidade para o rádio. O CD e o digital surgiram no rádio em 1982. A primeira emissora a usar o digital foi a Rádio Jornal do Brasil, do Rio de Janeiro. O disco digital com leitura e laser registra todas as frequências sonoras e separa com maior nitidez os canais em estéreo. A reprodução do som é feita com leitura ótica, o que proporciona mais fidelidade, menos desgaste e distorções nas reproduções. A rapidez, durabilidade e os custos menores também são vantagens do sistema.

“Com a digitalização, dentro do espaço de um espectro que enviávamos o canal de uma emissora, podemos transmitir (...) até dez estações (...). Como a quantidade de informações repetidas é muito grande e digitalmente é possível enviá-las de uma só vez, sobra espaço para enviar outras informações que, de maneira analógica, não caberiam dentro do espectro de frequência”

(MAGNONI, 1985; 8)

Por conta da nova tecnologia foi desenvolvido um novo valor técnico com relação ao funcionamento das emissoras que pode ser atualmente completamente informatizado, desde a discoteca até a parte comercial, rádio paulistas por exemplo. No entanto, grande parte de emissoras que cobrem o País ainda adotam o sistema analógico de transmissão.

“A digitalização de som e sinal de satélite consiste em transformar o som que originalmente é analógico (frequência de ondas sonoras) em audio digital, ou seja transformar o sinal em facho

luminoso, capaz de ser transmitido em cabos de fibra ótica que garantem mais qualidade na transmissão e na resolução final, gerando um som similar ao de um disc laser”

(LESSA, 1995; 22)

Outra tecnologia surgida nos anos 80 no universo radiofônico foi o som estéreo para o AM. O recurso foi idealizado nos Estados Unidos, fruto da necessidade de se obter mais qualidade do som transmitido pelas emissoras de amplitude modulada. Inicialmente, era preciso que os aparelhos receptores tivessem dispositivos para reproduzir o estéreo do AM. No Ceará, a Rádio AM do Povo adota o recurso do AM Estéreo desde o início da década de 90.

O telefone celular, difundido no Brasil há dois anos também trouxe grande impulso para o rádio em termos de agilidade. Com o celular, a unidade móvel - antes utilizada pelo repórter para comunicar-se com o estúdio da emissora, foi deixada de lado. Antes um aparelho era acoplado no carro de reportagem, trazendo série de inconvenientes, como por exemplo, a localização do carro onde estava, instalado o aparelho, que interderia na qualidade da reprodução do som da unidade para o estúdio.

Hoje, com um celular na mão, o repórter de rádio pode entrar em contato com a emissora a qualquer minuto e participar mais vezes da programação, tendo mais chances de divulgar um número maior de informações.

Já o rádio via cabo, ampliado e aperfeiçoado nos anos 90, existe há um século. Seu primeiro passo foi na Europa quando eram transmitidos programas musicais pelo telefone. Nos anos 50, a novidade veio para o Brasil através do advogado Itagyba Santiago que residia em São Paulo e passou a oferecer o serviço de “Telemusic” - música ambiente por telefone.

A maior qualidade de retransmissão (é semelhante a do CD, dizem os que defendem o sistema) e o maior acervo musical de que se dispõe com o rádio a cabo, ou rádio por assinatura são o carro chefe de vantagens que a novidade proporciona. O rádio por assinatura, atualmente é um serviço de alto custo e isso impossibilita sua maior difusão. Somente com a definitiva implantação do rádio digital o processo poderia ser pensado como destinado às massas.

“Um programa produzido, gravado e editado diretamente em um computador na rede não precisa ser copiado em fita e levado ao estúdio de exibição: ele é facilmente localizado pelo terminal do estúdio e colocado no ar. Porém, o desconhecimento do sistema de produção, geração e transmissão do som digital por parte dos radiodifusores profissionais do rádio talvez seja a maior barreira para a implantação do sistema digital no Brasil”.

(MAGNONI, 1985;7)

O Satélite

O instrumento que possibilita a realização de todo o processo de satelitização é um aparelho repetidor ativo que leva mensagens através de estados, continentes, países, sem obstáculo. O satélite é formado por dois tipos de aparelhos: são os transmissores e receptores, ambos com duas polarizações (A e B), sendo 12 aparelhos em cada pólo.

As faixas são transmissores denominados transponder que são responsáveis pelo tráfego da mensagem. Cada uma destas faixas tem a capacidade de 36 mega hertz, o que equivale a 1,8 canais. Atualmente o satélite é utilizado em inúmeras atividades. Transferências de dados, vídeo-conferências, fax, telefonia. Sua característica é a melhoria da qualidade tanto das transmissões como de recepções de mensagens.

Nesse sentido, o satélite poderia proporcionar a interligação comunicativa na comunicação. Não falamos do predomínio de uma globalização do rádio, mas de um intercâmbio, capaz de dar maior dinamicidade à comunicação radiofônica. A televisão foi o primeiro meio a utilizar o satélite para passar mensagens entre locais diferentes. O rádio iniciou este processo com a rede Transamérica. Hoje, no Ceará, seis emissoras usam o serviço, que é possível através da Embratel, empresa responsável pelas faixas para uso do satélite. As emissoras cearenses que usam o sistema são AM do Povo (Bandsat), Cidade AM (Pamsat), CBN Fortaleza, Record, Jovem Pam FM (Pamsat) e Assunção (RCN).

O processo de satelitização das emissoras é medido com sinais digitais. O sinal, que é gerado na sede da rede é decodificado na antena da retransmissora. Depois é instalado o sinal original do áudio. Então, o programa transmitido pelo satélite vai para a mesa de corte, onde é feita a edição final, que deve ser levada ao ar.

As tecnologias apresentadas foram entrando no universo da comunicação humana paulatinamente. Aos poucos, o rádio foi modificando seu formato. Tornou-se instrumento de comunicação com mais tecnologia, passou a ser transmitido via satélite e alcançando cada vez mais pessoas. Mas até que ponto esse processo de satelitização proporciona um processo democrático de comunicação. Na mesma medida não podemos encaminhar a discussão de leis democráticas da informação tomando como parâmetro o ritmo acelerado em que as tecnologias vêm surgindo.

2.2 - O rádio via satélite e a unificação das mensagens

Com o Governo de Getúlio Vargas, instituiu-se o primeiro programa transmitido a nível nacional: "A VOZ DO BRASIL". Nascido em pleno Estado Novo o programa, que vai ao ar de segunda a sexta-feira das 19 às 20 horas, faz um resumo das principais notícias da Capital Federal e dos acontecimentos mais notórios no País.

Outro espaço dado para uma programação unificada entre emissoras de estados diferentes foi o surgimento das redes nacionais. Estas experiências foram registradas no ano de 1983, quando a rádio L&C, do Rio de Janeiro, lançou o primeiro jornal nacional de rádio, transmitido via Embratel por 60 emissoras em 16 Estados. A L&C fundada em 1969 e, quatro anos depois começou a expandir-se, concretizando seu crescimento com a rede nacional.

A programação da L&C é, em sua maior parte, nacional e as emissoras que retransmitem sua programação têm espaço para o noticiário local em programas e inserções nos programas nacionais, bem como, para anúncios da região.

O FM entrou no mercado de redes nacionais de rádio com a rede Transamérica, que tinha cerca da metade de sua programação via satélite. A Transamérica abrange estados como São Paulo, Rio de Janeiro, Pernambuco, Paraíba, Paraná, Bahia, Minas Gerais, Sergipe, Pará, Santa Catarina, Maranhão, Mato Grosso e a cidade de Brasília. Durante o ano de 1993, a rede foi retransmitida no Ceará pela 99 FM, atual Record. O processo seguiu até novembro de 1995, quando a rádio retransmissora foi vendida a outro grupo que interrompeu a retransmissão.

Os custos menores com produção e a maior lucratividade no campo comercial, com o resgate do anunciante nacional são vantagens que o rádio via satélite proporciona. Em contrapartida, um dos pontos negativos que a satelitização de emissoras gera é no tocante à produção local, esta fica limitada, dado o espaço ocupado pela rede nacional.

“A maior crítica que tem sido feita a essa tendência da formação das redes, divulgando os mesmos programas em diversas regiões do País, é a que diz respeito à questão da preservação das características culturais. Assim como aconteceu com a televisão, agora o rádio corre o risco de apresentar programas - inclusive jornalísticos - desvinculados da realidade local, perdendo com isso a força da proximidade, da programação feita com base em hábitos e costumes específicos, com o linguajar da própria região. A programação homogeneizada passa a ganhar espaço, a criatividade local não tem como manifestar-se e o mercado de trabalho fica cada vez mais restrito”

(ORTRIWANO, 1985; 33)

2.3 - O satélite chega às ondas do rádio cearense

O rádio via satélite começou a fazer parte do cotidiano do cearense no ano de 1992 quando a então FM do Povo, pertencente ao Sistema O Povo de Comunicação, passou a transmitir programas da rede Cidade. Antes disso, apenas experiências isoladas no rádio AM mostravam o processo via satélite. É o caso da Rádio Assunção (atual RCN) que, durante anos, retransmitiu o programa PRIMEIRA HORA, produzido pela Rede Bandeirantes de São Paulo.

A Rede Cidade FM, segunda rede via satélite de rádio a ser criada no Brasil, teve início em 1977. O contato com Fortaleza surgiu através do jornalista Jasom Williams Normando Stone. A chegada da primeira rádio via sat, foi marcada por uma intensa propaganda. O Jornal O Povo, durante os dias que antecederam a

estréia da “novidade” estampou em suas páginas artigos e matérias mostrando as vantagens que o novo sistema iria proporcionar.

“0, 9, 8, 7, 6, 5, 4, 3, 2, 1. A partir do próximo dia 19 de março, as ondas da rádio FM 95,5 vão provocar o maior maremoto de informação e música nos seus ouvidos. Não pense que teremos uma programação com interferências esquisitonas de seres de outros planetas. Calma, caro leitor, não estamos noticiando nenhuma catástrofe. Muito pelo contrário. Exatamente à zero hora de quinta-feira, a rádio 95,5 FM vai se tornar a 24ª emissora a integrar a Rede Cidade, com a transmissão direta de determinados programas via satélite. Assim, Fortaleza vai ficar em dia com a melhor programação de rádio do Brasil.”

(JORNAL O POVO 15/03/92)

A Rede Cidade é pertencente ao Jornal do Brasil. Na época da afiliação da FM 95,5 vieram a Fortaleza providenciar a concretização do acordo, o então diretor da emissora carioca, Cléver Pereira, os locutores Eládio Sandoval e Fernando Mansur. A FM do Povo foi a vigésima quarta afiliada da rede que contava, na época com 200 locutores e atingia 17 capitais brasileiras.

Às 20 horas do dia 18 março, a rede via satélite estreou em Fortaleza. Produções de shows com cantores nacionalmente conhecidos como: Lobão e Marina, foram promovidas na cidade em comemoração ao novo sistema que se instalava no Estado e O Jornal O Povo divulgava em suas páginas no dia seguinte à estréia. Noticiava-se que o rádio tinha alcançado recordes de audiência.

Depois da Cidade, chegou ao Ceará a rede Transamérica. A primeira rede nacional da rádio via satélite ocupou a frequência 99,9 do FM, como a Cidade, tinha o mercado jovem como alvo. Pouca ou nenhuma produção jornalística e vasta programação musical faziam as duas rádios.

A terceira rede a ter espaço no FM cearense foi a Jovem Pam, do sistema Pamsat. A emissora que a retransmite é do Grupo Cidade de Comunicação. A rádio é a única via sat, retransmitida em FM no Estado atualmente. Ela tem apenas dois programas determinados - Pânico que vai ao ar do meio dia às 13 horas e Ritmos da Noite, transmitido nos finais de semana - e o restante dos horários são preenchidos com musicais.

O sistema de redes via satélite no FM, apesar do impacto e impulso iniciais, durou apenas um ano. A Rádio Cidade 95,5 deixou de retransmitir a programação da rede em 93, mas continua usando o nome da rede carioca, a transamérica, sua retransmissora foi vendida para a Igreja Universal do Reino de Deus em novembro de 1995 e agora a 99 FM veicula programas evangélicos.

Exatamente no ano em que se diagnosticava o fracasso das emissoras FM via satélite, o sistema foi adotado nas rádios de amplitude modulada. A Rádio AM do Povo começou a retransmitir a Rede Bandeirantes de Rádio, usando dez por cento de sua programação para retransmitir os programas jornalísticos da emissora paulista. É o sistema Bandsat, que engloba os seguintes programas: Primeira Hora (das sete às 7h30min); Jornal do Meio dia (de 12 às 12h 35min) e o Repórter Bandeirantes, flashes de cinco minutos que vão ao ar em dez edições diárias, a partir das seis horas. Economia, variedades, Políticas e comportamento são os temas abordados nos horários destinados às participações nacionais.

Outra emissora AM que passou a utilizar o satélite foi a rádio Assunção. Pioneira na transmissão de programas desta natureza (retransmitiu o Primeiro Hora da Bandeirantes antes do sistema O Povo afiliar-se à rede Bandsat) A Assunção atualmente tem o "sobrenome" Rede Cearense de Notícias (RCN) e usa o satélite durante toda a programação.

A diferença entre ela e as demais emissoras que usam o sistema é que a RCN não retransmite programas do sul do País: Ela produz matérias em Fortaleza, que também são divulgadas por suas afiliadas no interior do Estado.

O rádio AM precisava de um incremento em suas instalações, em seu funcionamento, para poder sair do clima de marasmo que se encontrava. Um lado positivo do satélite no AM foi que todas as rádios deste tipo de frequência que o adotaram seguiram a linha do jornalismo e o rádio cearense precisava deste campo aberto, necessitava de mais produções destinadas à informação. O uso do satélite, nestes casos deveria ser uma complementação para que o ouvinte de tais emissoras tivesse ao seu alcance um mundo de informações tanto do local onde mora, como do resto do País e do mundo. Mas o satélite não pode sobrepor-se ao trabalho local. Deve ser a sua continuação e não o motivo para que o mesmo se anule.

A radiodifusão em muitos casos utiliza o satélite sem nenhuma produção local para manter-se no ar assegurando a concessão de comunicação.

CAPÍTULO III - CEN. A RADIO QUE TOCA NOTICIA

CBN - A RÁDIO QUE TOCA NOTÍCIA

Neste capítulo, analisaremos em parte a programação da Central Brasileira de Notícias (CBN). Esta avaliação concretizará as reflexões que pretendemos fazer da utilização do satélite no rádio cearense.

A Central Brasileira de Notícias - CBN - do Sistema O Globo de rádio passou a ser retransmitida no Ceará em 1995 através do Sistema O Povo de Comunicação. São 18 emissoras em todo o País (somente em São Paulo, a rede conta com duas afiliadas: uma AM e outra FM) uma programação 24 horas por dia via satélite destinada à produção jornalística.

Inicialmente, a rede tinha dois polos no Ceará: um em Fortaleza, na frequência da antiga Rádio Iracema, e outro na cidade de Juazeiro do Norte e com 90

CAPÍTULO III: CBN, A RÁDIO QUE TOCA NOTÍCIA

estações locais voltado para a produção local. A programação resumia-se em dois programas, O NOTÍCIAS NA MANHÃ e O NOTÍCIAS DA TARDE, transmitidos das nove ao meio dia e das 16 às 18 horas, respectivamente. Os dois jornais tinham o mesmo formato que eram entrevistas, debates, reportagens e destaques do dia. Além dos dois programas, a produção local contava com 12 minutos para Lisboa e cada hora de satélite.

Em abril de 1996, uma série de mudanças na diretoria do Sistema O Povo provocou uma parada "temporária" na produção local e a CHN Fortaleza passou a retransmitir toda a programação da rede, sem espaço para o regional. (Os diretores da rádio não determinaram ainda o prazo para que ela volte a produzir programas na cidade)

A CHN Fortaleza retransmitia sete programas da rede 6h - Jornal da CBN (1ª edição)

9h - Notícias na manhã

CBN - A RÁDIO QUE TOCA NOTÍCIA

Neste capítulo, analisaremos em parte a programação da Central Brasileira de Notícias (CBN). Esta avaliação concretizará as reflexões que pretendemos fazer da utilização do satélite no rádio cearense.

A Central Brasileira de Notícias - CBN - do Sistema O Globo de rádio passou a ser retransmitida no Ceará em 1995 através do Sistema O Povo de Comunicação. São 18 emissoras em todo o País (somente em São Paulo, a rede conta com duas afiliadas: uma AM e outra FM) uma programação 24 horas por dia via satélite destinada à produção jornalística.

Inicialmente, a rede tinha dois pólos no Ceará: um em Fortaleza, na frequência da antiga Rádio Iracema, e outro na cidade de Juazeiro do Norte e com 90 por cento de seu espaço destinado ao satélite e o restante voltado para a produção local. A programação resumia-se em dois programas. O NOTÍCIAS NA MANHÃ e o NOTÍCIAS DA TARDE, transmitidos das nove ao meio dia e das 16 às 18 horas, respectivamente. Os dois jornais tinham o mesmo formato que eram entrevistas, debates, reportagens e destaques do dia. Além dos dois programas, a produção local contava com 12 minutos para flashe a cada hora de satélite.

Em abril de 1996, uma série de mudanças na diretoria do Sistema O Povo provocou uma parada "temporária" na produção local e a CBN Fortaleza passou a retransmitir toda a programação da rede, sem espaço para o regional. (Os diretores da rádio não determinaram ainda o prazo para que ela volte a produzir programas na cidade).

A CBN Fortaleza retransmite sete programas da rede: 6h - Jornal da CBN (1ª edição):

9h - Notícias na manhã

12h - Jornal da CBN - 2ª edição

14h - Notícias na tarde

17h - Jornal da CBN - 3ª edição

21h - Noite Total

0h às 6h - Plantão da CBN

Aos sábados e domingos o Noite Total é substituído pelo Show de Notícias.

Entrevistas com personalidades do mundo da Política, Economia e notícias consideradas de interesse nacional, bem como, a participação de correspondentes nacionais e internacionais formam os programas.

Pela manhã, a primeira edição do Jornal da CBN faz um resumo dos principais acontecimentos do dia a nível nacional. As outras edições dão continuidade do trabalho e, além das notícias, entrevistam personalidades e mostram matérias de comportamento, à noite, o jornalismo também domina o espaço da rádio com o Noite Total, que tem uma subdivisão: o CBN Campo, com notícias do interior de São Paulo e flashes do interior do Estado.

Na emissora, atualmente, não existe espaço para o local. Até mesmo dados sobre condições de estradas, clima e temperatura são veiculados pelo satélite e relacionados em sua totalidade à capital paulista. A CBN passou, então, a ser uma rádio de São Paulo, com programação feita para aquele Estado, mas transmitida para o resto do País, que só se faz ouvir na participação de repórteres em flashes.

"Céu encoberto agora com menos nebulosidade aqui na Avenida Paulista. A temperatura por aqui, na marca dos 17 graus. O trânsito pela Avenida Santos Dumont começa a ficar mais intenso, inclusive o motorista enfrenta a lentidão desde a Praça Campo de Batalha até o cruzamento da Avenida do Estado. Passando pelo cruzamento, pelo corredor da Avenida Tiradentes, o motorista não encontra problemas.

No outro sentido, em direção à zona norte, o trânsito segue com tranquilidade."

(Jornal da CBN (primeira edição) 11/07/96)

Estas informações sobre o clima e o trânsito foram divulgadas num dia em que fazia muito sol em Fortaleza e a temperatura da cidade estava em torno de 28^o C. Ou seja, inteiramente fora da realidade do fortalezense que, pela manhã, deseja saber como está o trânsito ou o clima de sua cidade. É este o maior risco das transmissões via satélite; a programação desvinculada da realidade do ouvinte "local", no caso complementamente alienígena.

Como todo programa veiculado hoje pela Central Brasileira de Notícias, o jornal Notícias na Tarde, que vai ao ar diariamente das 14 às 17 horas, é completamente produzido na capital do Estado de São Paulo. Com apresentação da locutora Maria Lídia e produção de Cibele de Loreto e Valdinéia Pessari, o programa aborda temas de cunho nacional, é composto por entrevistas, participação de correspondentes nacionais e internacionais e ilustrada por uma enquete que aborda sempre o tema de maior destaque no dia.

A locutora faz sempre questão de frisar o lado da participação do ouvinte e sua importância, tentando passar a idéia de que o jornal é feito com total integração de pessoas em todo o País. Este ponto é claramente percebido na primeira parte do jornal, que é o GIRO DOS REPÓRTERES, onde jornalistas de vários Estados do País passam para o programa os destaques de seus locais de origem.

"Começamos com os destaques da capital federal Direto de Brasília, Marcelo Paiva.

- Aqui Brasília, CBN. Tempo bom com temperatura de 24 graus. O presidente Fernando Henrique participou hoje de manhã, no Palácio do Itamaraty, da Conferência Internacional sobre perspectivas para a

erradicação da febre aftosa (...) O Tribunal do Trabalho do Distrito Federal está lançando hoje o projeto Crescer. A idéia é melhorar a qualidade dos serviços prestados pela Justiça do Trabalho à Sociedade através da capacitação de seus funcionários. Estes são os destaques da capital federal."

(NOTICIA NA TARDE - 11/07/96)

Além do repórter de Brasília, no dia 11 de julho o programa teve a participação de jornalistas dos Estados de São Paulo, Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro, Pernambuco, Piauí, Minas Gerais e mais Santa Catarina e Mato Grosso do Sul.

Até a segunda parte do jornal, onde é apresentada a enquete que vai permeá-lo até o final, o ouvinte tem a idéia de que será exibido um programa com muita interação entre todos os estados, dado a ênfase da locutora do jornal no ponto da participação. No entanto, a maior parte do programa gira em torno da capital paulista.

A própria locutora refere-se à cidade como "A CAPITAL" como se estivesse tratando apenas com o público da cidade, esquecendo-se de que se trata de um programa nacional. O ponto central de todo o programa é São Paulo. Além de assuntos referentes aquele estado, são divulgadas notícias de cunho nacional, mas nada com relação ao Estado do Ceará ou com o Nordeste. Esta situação confunde o ouvinte local completamente esquecido.

É exatamente neste ponto que reside o maior risco das redes nacionais de rádio: a questão do ouvinte local. No caso específico do Notícias na Tarde o ouvinte passa a ter notícias, muitas vezes alheias à sua realidade, ao seu cotidiano. Existem assuntos que interessam a todos, aqueles considerados de cunho nacional. Isso não há dúvidas, como não existem dúvidas também de que o rádio via satélite proporciona mais agilidade e rapidez nas notícias e pode levar um mundo de

informações para o espectador. Mas por outro lado, a que pode interessar ao cearense o clima na madrugada de São Paulo e as dicas nas estradas que cortam a capital paulista? É certo que o trabalho das redes enriquece a programação jornalística, mais informações são levadas ao ar, mas há que se ter cuidado com o "determinismo tecnológico" ressaltado por Bordenave - e já mencionado neste trabalho - para que esta tecnologia não seja significado de prejuízo para o ouvinte ao invés de ganho.

A aprovação da Contribuição Provisória sobre Movimentação Financeira (CPMF) foi o tema da enquete do dia 11 de julho. A pesquisa, apresentada na segunda parte do jornal, já comentada inicialmente pela apresentadora, que então passa a ouvir pessoas convidadas pela produção para falar sobre o assunto. Em 11 de julho foram ouvidos Carlos Eduardo Uchoa, da Federação das Indústrias de São Paulo, e José Lopes Feijó, da Central Única dos Trabalhadores de São Paulo.

A resposta do público à pergunta da enquete - no caso, você aprova a CPMF? - é divulgada depois das participações dos convidados. Mas os ouvintes não participam diretamente no ar. A locutora lê trechos de opiniões que chegam à redação por fax e telefone. Novamente a hegemonia de São Paulo está presente, pois a maioria das respostas vêm daquele Estado. De quatro ouvintes que entraram em contato com a produção do programa, todos eram de São Paulo. Não ^{foi} ao ar a resposta de nenhum ouvinte de outro Estado.

"Eu tenho aqui muita participação realmente. Do ozélio Alves e Almeida, da Mooca, São Paulo, representante de vendas. O CPMF causará mais aumento nos preços, como isto já aconteceu com o aumento dos remédios.

O José Alberto, Barra, funcionário público, acha que mais uma vez o povo está sendo roubado. É mais dinheiro que vai para as maracutaias governamentais. É preciso dar um jeito de impedir que esse assalto em forma de imposto seja posto aí em lei e cobrado das pessoas.

O Antônio Molina é vigilante. Diz que todo dinheiro que cai nos cofres públicos entra num saco sem fundo. Terezinha Bueno, de Franco da Rocha, é terapeuta olímpica. Diz que o Governo, mais uma vez, passou a perna no povo, isso não é democracia. Os prejudicados serão a classe média e a pobre."

(NOTICIA NA TARDE 11/07/96)

No dia em que foi ao ar a enquete sobre a CPMF, a parte local teve dois momentos: Nos comerciais veiculados (foram exibidos dois locais) e, durante entrevistas com Jairo Fonseca, da Ordem dos Advogados do Brasil de São Paulo, o repórter Ulysses Salgado, da CBN Fortaleza, interrompeu a transmissão para passar o gabarito das provas do vestibular da Universidade de Fortaleza (UNIFOR). A entrevista via satélite foi cortada para a participação do repórter, dando a emissora cearense importância maior a notícia da cidade. Esta atitude deveria repetir-se mais vezes durante a programação. O satélite deveria ser usado como um complemento da produção jornalística local e não ser o motivo para o seu total esquecimento.

A Notícia na Tarde entra em sua parte final às 16 horas, depois de lidas e comentadas as opiniões dos ouvintes sobre a enquete do dia. Neste último bloco, é apresentado ao ouvinte um assunto de repercussão nacional e são ouvidas personalidades sobre o tema.

Em suma, a quase totalidade do jornal é destinada a São Paulo. Com exceção dos giro dos repórteres, onde são ouvidos profissionais da comunicação de diversos estados, todo o horário é destinado a um jornalismo centralizado, voltado inteiramente para o Sul do País.

São os dois extremos da satelitização: Se, por um lado, a programação unificada deixa o ouvinte inteirado de tudo que acontece no mundo em termos de Política, Economia e outros assuntos, por outro lado este ouvinte não se identifica com a emissora, não pode ter aquele relacionamento de "rádio companheiro", como nos anos 60. Inteira-se do que acontece no mundo e - muitas vezes - não tem informações de sua cidade, fica cego à realidade de sua região.

Uma emissora via satélite, ou melhor uma copiadora ou retransmissora de uma rede satélite de rádio tem o perigo de ser "esquecida" pelo ouvinte, que não se identifica com sua programação. Casos de emissoras que passaram a retransmitir o satélite e foram paulatinamente parando suas atividades a exemplo do que aconteceu com a rádio retransmissora da CBN em Juazeiro, por exemplo, que fechou as portas.

"Uma emissora em Juazeiro transformou toda a sua programação e passou a integrar a CBN, a experiência durou pouco. Primeiro porque o mercado não respondeu, não teve retorno. A cidade, embora seja uma grande cidade, não correspondeu à expectativa da rádio projeto."

(Nonato Albuquerque, 1996)

Muitas emissoras adotam o satélite tendo como justificativa principal a questão comercial, pois com o satélite o número de anunciantes aumenta sensivelmente, tendo em vista que a idéia de ter um produto divulgado em todo o País atrai o maior número de comerciais para as redes: É o resgate do anunciante nacional.

Este fator mostrou-se importante desde o início quando, na década de 80, as agências de notícias e as emissoras de programação integrada (precursoras das redes) davam os primeiros passos no Brasil.

"As produtoras radiofônicas (...) trabalham com uma estratégia totalmente voltada para o mercado publicitário. As agências e os anunciantes podem saber com antecedência a programação em que seus

anúncios serão inseridos, definindo o tipo de público que pretendem atingir com maior segurança quanto à veiculação dos comerciais. Assim, são oferecidas facilidades operacionais sendo necessária uma única operação para que os anúncios sejam transmitidos por todas as emissoras filiadas à rede que foram programadas, com tabela de preços unificada"

(ORTRIWANO, 1985; 33)

O fator comercial, o lucro é o móvel do sistema de satelitização das emissoras. No entanto, este ponto não pode - e não deveria - tomar o espaço de um requisito que deve ser norma em todo meio de comunicação: o respeito ao ouvinte.

"O empresariado brasileiro tem, no processo de satelitização, uma forma de resgatar o papel mercadológico do rádio. O rádio deixaria de ser um meio local que, entrando no sistema de redes, ampliaria sua perspectiva comercial. Este é que é o objetivo central de todo o processo de formação de redes. Neste sentido, as grandes emissoras tem conseguido os objetivos de fazer grandes redes com audiência, com repercussão, credibilidade, espaço comercial e rentabilidade financeira."

(Nonato Lima, 1996)

Na busca, às vezes desenfreada, pelo lucro e pela vantagem no campo comercial que tem como consequência o resgate do anunciante nacional, um componente de extrema importância no processo da radiodifusão corre o risco de ser esquecido. Trata-se do ouvinte local que, diante de uma programação alienígena ao seu cotidiano, passa a desinteressar-se pela retransmissora de programação via satélite

pois a mesma deixa de atender às suas expectativas. Um sistema que, tinha inicialmente a vantagem de vencer as distâncias, acaba tendo na distância seu maior obstáculo.

"É preciso que este processo, que esta tecnologia seja colocada de forma que veja também possibilidades de mercado, de respeito à cultura, de relação com a sociedade próxima das emissoras."

(Nonato Lima, 1996)

Diferentes da televisão, que hoje tem uma programação baseada na transmissão de atrações via satélite, o rádio que adotou este sistema não teve saldos positivos no Ceará. Novamente o fator comercial vem à tona, visto que as redes no Estado passaram a diminuir e a falta de incentivos financeiros foi um dos motivos para que isto acontecesse. A pouca identificação com o público local foi a mais forte razão, depois do comercial, para que as redes não permanecessem no Estado com a mesma intensidade do início.

Na televisão, o satélite tem mais condições e capacidade de atuar por causa dos recursos que ela oferece. Por outro lado, as retransmissoras "via sat" tem mais estrutura financeira do que o rádio. Daí a explicação para o fato de que, ao contrário das redes de televisão. O rádio via satélite não conseguiu conquistar e prender a atenção do ouvinte local.

"A emissora de rádio local tem que arcar com certos investimentos para ter retorno financeiro. Claro que a inclusão da emissora em rede nacional não deve pesar, mas tem que entrar em rede e, como empresas que são, tem que ganhar alguma coisa."

(Nonato Lima, 1996)

(Nonato Albuquerque, 1996)

→ que recursos

"E um negócio que é norteado pela norma do lucro. Se o objetivo lucro não for atendido, tudo mais perde o sentido. Este é um dos fatores que se analisam na formação das redes. Existem n fatores que implicam no sucesso ou insucesso de um projeto empresarial. Um aspecto que pesa no sucesso ou não de uma rede de rádio é o fato de ela não ter tantos vínculos com o lugar onde a emissora repetidora está instalada. Por conta disso, e como o mercado de rádio em circuito nacional ainda está começando, é muito provável que esse tenha sido um fator do insucesso. A viabilidade econômica teria sido o fator que pesou no recuo de alguns projetos dessa linha"

(Nonato Lima, 1996)

O uso do satélite na programação de rádio tem aspectos positivos e negativos que podem se resumir em duas indagações. 1) Até que ponto utilizar o satélite para que ele seja um complemento da programação da emissora e 2) que limites adotar para que este uso não se torne tão ostensivo a ponto de transformar a emissora que o copiar uma mera retransmissora. A satelitização tem seu ponto positivo enquanto agilizadora da programação jornalística da emissora.

"A satelitização das rádios no Ceará é uma segmentação das emissoras de rádio muito favorável porque deve existir de tudo um pouco, principalmente quando voltadas as emissoras para a informação. Este setor no rádio cearense que é feito, muitas vezes, tirado de recortes de jornais, estava precisando realmente ter uma agilização no departamento de notícias. A satelitização veio facilitar isso no rádio."

(Nonato Albuquerque, 1996)

Mas, a partir do momento em que este sistema passa a se sobrepor à produção local, ele começa a representar um problema para a rádio, pois faz com ela se distancie do regional. Outro problema, tão grave quanto o primeiro é que o mercado de trabalho - já tão restrito - torna-se ainda menor.

"Se, por um lado, cobriu a ausência de noticiosas, que o rádio não tinha, por outro trouxe uma inconveniência profissional. A importância do rádio é que seja feito por pessoas da terra, dando oportunidade a essas dezenas de jovens que estão saindo dos cursos. E o satélite vem como complemento."

(Nonato Albuquerque, 1996)

"Com a satelitização, as emissoras passam a ser muito mais reprodutoras de transmissão de um ponto central em vez de serem emissoras de rádio. Na verdade, passam a ser repetidoras de programação e, com isso, não só desemprega as pessoas como não gera emprego e desvincula a programação da realidade regional local"

(Nonato Lima, 1996)

Nossa discussão procurou apresentar alguns pontos para a reflexão da programação radiofônica com a introdução do satélite. Parecia simplório perceber a satelitização do rádio como dinamismo na comunicação. Há outros fatores que precisam ser considerados, programação, dinamicidade na transmissão de notícias democratização da informação, expressões culturais regionais nos processos comunicativos são pontos que precisam ser considerados num conjunto de ações que constituem os processos comunicativos no rádio contemporâneo.

Reptun bruesca
+ análise ...

As novas tecnologias incorporadas ao rádio, em especial o satélite, ampliaram o alcance deste meio de comunicação e possibilitaram a conquista de um espaço maior da radiodifusão, que passou por um período de marcenagem entre as décadas de 50 e 60, quando do surgimento da televisão no País e por conta da censura, e por outras novas rumos a partir dos anos 70.

Trar pessoas de locais diferentes, aumentar a agilidade e a diversidade das transmissões. A isto se propõe o processo de satelitização do rádio, iniciado nos anos 80. Esta nova técnica reacendeu a produção jornalística em algumas emissoras, que em alguns casos trouxe um grande impulso para as emissoras afiliadas, que passaram a dar um espaço cada vez maior para as produções locais e para os profissionais da área, já tão diminuída no Estado. Quanto ao ouvinte local, passou a ter em suas receptoras programas que não se ident. ficavam com sua realidade.

CONCLUSÃO

O uso do satélite no rádio é de grande valia, mas enquanto este for complementar da produção local. Deve ser usado de forma a completar o trabalho que é realizado regionalmente. Não pode - nem deveria - ser responsável pela produção desta produção. Ao contrário, deveria proporcionar ainda mais agilidade. As emissoras nacionais afiliadas ao trabalho local têm a oportunidade de levar muito mais agilidade e instantaneidade para o rádio. Com esta associação, a radiodifusão só pode ganhar.

Mas é necessário que os pontos positivos e negativos da satelitização sejam repensados e analisados, para que este recurso tecnológico tenha utilidade enquanto complemento do que se produz a nível regional. Não pretendemos aqui chegar a conclusões acerca de um processo que ainda está em fase de iniciação, cuja evolução é constante. Mas deixar um espaço aberto para a reflexão em torno desta questão, em torno deste novo recurso de que a radiodifusão dispõe e que pode muito contribuir para o avanço do rádio - como para sua estagnação, fazendo das emissoras meras cópias das grandes redes nacionais.

As novas tecnologias incorporadas ao rádio, em especial o satélite, ampliaram o alcance deste meio de comunicação e possibilitou a conquista de um espaço maior da radiodifusão, que passou por um período de marasmo entre as décadas de 50 e 60, quando do surgimento da televisão no País e por conta da censura, e procurava novos rumos a partir dos anos 70.

Unir pessoas de locais diferentes, aumentar a agilidade e a dinamicidade das transmissões. A isto se propõe o processo de satelitização do rádio, iniciado nos anos 80. Esta nova técnica reacendeu a produção jornalística em algumas emissoras, mas em alguns casos trouxe um grande empecilho para as emissoras afiliadas, que passaram a dar um espaço cada vez menor para as produções locais e para os profissionais da área, já tão diminuta no Estado. Quanto ao ouvinte local, passou a ter em seus receptores programas que não se identificavam com sua realidade.

O uso do satélite no rádio é de grande valia, mas enquanto este for complementação da produção local. Deve ser usado de forma a completar o trabalho que é realizado regionalmente. Não pode - nem deveria - ser o responsável pela estagnação desta produção. Ao contrário, deveria proporcionar ainda mais agilidade. As redes nacionais aliadas ao trabalho local têm a oportunidade de levar muito mais agilidade e instantaneidade para o rádio. Com esta associação, a radiodifusão só teria a ganhar.

Mas é necessário que os pontos positivos e negativos da satelitização sejam repensados e analisados, para que este recurso tecnológico tenha utilidade enquanto complemento do que se produz a nível regional. Não pretendemos aqui chegar a conclusões acerca de um processo que ainda está em fase de iniciação, cuja evolução é constante. Mas deixar um espaço aberto para a reflexão em torno desta questão, em torno deste novo recurso de que a radiodifusão dispõe e que pode, tanto colaborar para o avanço do rádio como para sua estagnação, fazendo das emissoras meras copiadoras das grandes redes nacionais.

ORDINAM. Nº 10.000/77. ALEXTON, SÉRGIO E MINISTRADO. Petrópolis, 1976.

CAMPUS, Sérgio. "SISTEMA DE CLAR". In: DOUTOR DE LEON, 1974. 1980.

ENZEMBERG, Hans-Martin. "ELÉTRONICA PARA A IMPLEMENTAÇÃO DE SISTEMAS DE COMUNICAÇÃO". Tempo Brasileiro, 1978.

ENZEMBERG, Hans-Martin. "TENDÊNCIAS DO COMÉRCIO DE EQUIPAMENTOS DE COMUNICAÇÃO". 1980.

ENZEMBERG, Hans-Martin. "RECURSOS EM COMUNICAÇÃO". 1982.

ENZEMBERG, Hans-Martin. "A PARTICIPAÇÃO POPULAR NO PLANEJAMENTO DE SISTEMAS DE COMUNICAÇÃO". In: Tempo Brasileiro, 1980.

ENZEMBERG, Hans-Martin. "O RADIO DIGITAL AVANÇADO". In: Tempo Brasileiro, 1985.

BIBLIOGRAFIA

ENZEMBERG, Hans-Martin. "O RÁDIO NO BRASIL". Rio de Janeiro, 1980.

MOREIRA, Sérgio. "A LEGISLAÇÃO DOS RÁDIOS E TELEFONES NOS ESTADOS UNIDOS E NO BRASIL". IN: INCOM, 1995.

ENZEMBERG, Hans-Martin. "A INFORMATICA NO RÁDIO". Surinam, 1982.

ENZEMBERG, Hans-Martin. "PROGRAMAS DE INFORMATICA PARA A INFORMATICA DE INTERCOMUNICAÇÃO". 1985.

- BORDENAVE, Juan E. Diaz; "ALÉM DOS MEIOS E MENSAGENS": Editora Vozes, 1986.
- CAMPOS, Eduardo; "50 ANOS DE CEARÁ RÁDIO CLUBE, 1934 - 1984"; IOCE, 1984.
- ENZENSBERGER, Hans Magnus; "ELEMENTOS PARA UMA TEORIA DOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO"; Tempo Brasileiro; 1978.
- FADUL, Anamaria; "NOVAS TECNOLOGIAS DE COMUNICAÇÃO"; Summus Editorial, 1986.
- IMMACOLATA; Maria; "PESQUISA EM COMUNICAÇÃO"; Edições Loyola, 1985.
- LESSA, Rogério Cardoso; "A PARTICIPAÇÃO POPULAR NO PROGRAMA DA MANHÃ I TEMPO". Monografia de final de curso - UFC.
- MAGNONI, Antônio Francisco; "O RÁDIO DIGITAL AVANÇA NO INTERIOR DE SÃO PAULO" INTERCOM - 1995
- MOREIRA, Sônia Virgínia; "O RÁDIO NO BRASIL"; Rio Fundo Editora, 1991.
- MOREIRA, Sônia Virgínia; "A LEGISLAÇÃO DOS MEIOS ELETRÔNICOS NOS ESTADOS UNIDOS E NO BRASIL" - INTERCOM, 1995.
- ORTRIWANO, Gisela; "A INFORMAÇÃO NO RÁDIO"; Summus Editorial, 1985.
- SIGNATES, Luís; "PROGRAMAS E PROGRAMAÇÃO: CONCEITOS E CONDICIONAMENTOS" INTERCOM - 1995